

REVISTA PORTO

Programa de Pós-Graduação em História da UFRN

Volume 2 | Número 3 | 2013.1

Seara vermelha: homens em deslocamento, homens em espera no Nordeste dos anos 1930

Laurent Vidal

*Professeur des Universités – Université de La Rochelle.
Diretor adjunto do Centre de Recherches en Histoire Internationale et
Atlantique - CRHIA.*

Revista Porto 3 (2): 2-16 [2013]

Recebido em 06/03/13 – 06/06/13

REVISTA PORTO

Não é exagero falar, na França, de uma renovação do diálogo entre história e literatura, desde o fim dos anos 2000¹: questões novas foram propostas pelo dossiê dos *Annales* (*Os saberes da literatura*²), pela revista *Le Débat* (*História e ficção*³), e ainda pelo seminário de Roger Chartier no Collège de France em 2011-2012 (*O passado ao presente. História e literatura*⁴). A tradução francesa de *Le fil et les traces* de Carlo Ginzburg⁵, em 2010, e também a pesquisa de Jean-Frédéric Schaub⁶ sobre *Oroonoko, roman colonial de l'incertitude* (2008), contribuíram igualmente para essa renovação.

Extrairei dessas reflexões dois convites: inicialmente aquele dos *Annales*, em cuja introdução Antoine Lilti e Etienne Anhem estimulam a se “apreender historicamente as capacidades cognitivas da literatura de produzir um saber sobre o mundo, sem postular que esse saber seja de uma natureza superior e irreduzível às ciências sociais”⁷; da mesma forma, a questão do saber propriamente histórico sobre a literatura pode ser colocada de um modo novo: não se trata de opor a ficção e a história no que diz respeito à representação da realidade empírica, mas sim de mostrar “como a literatura permite pensar a historicidade da experiência humana na sua relação com o tempo, a espera, a guerra ou a morte”.⁸ E o convite, mais preciso, de Roger Chartier: o que se pode aprender com a literatura quando ela investe sobre um campo até então negligenciado pela história ou pelas ciências sociais (ou porque a questão ainda não está colocada ou não desperta interesse, ou porque as fontes não são suficientes)? Quando a literatura precede a história e ocupa sozinha um lugar de honra na construção de um saber social, o que ela pode nos dizer?

É nesse contexto que proponho situar minha reflexão.⁹ Ela se apóia num romance escrito por Jorge Amado em 1946, e cuja particularidade é justamente preceder o saber dos

¹ Tradução de Raimundo Arrais. Título original: *Seara vermelha: hommes en déplacement, hommes en attente dans le Nordeste des années 1930*.

² LILTI, Antoine; ANHEM, Etienne. *Savoir de la littérature. Annales Histoire, Sciences Sociales*. Paris, n.2, mar./abr. 2010.

³ *Histoire et fiction. Le Débat*. n.165, 2011/3.

⁴ As gravações do áudio estão disponíveis no sítio do Collège de France, ver: <http://www.college-de-france.fr/site/roger-chartier/#|m=course|q=/site/roger-chartier/course-2011-2012.htm>

⁵ GINZBURG, Carlo. *Le fil et les traces: vrai faux fictif*. Lagrasse: Verdier, 2010 [2006]. Traduzido para a língua portuguesa por Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão como: GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁶ SHAUB, Jean-Frédéric. *Oroonoko, prince et esclave: roman colonial de l'incertitude*. Paris: Seuil, 2008.

⁷ LILTI, Antoine; ANHEM, Etienne. Op. cit., p.256.

⁸ *Ibid.*, p. 257. O destaque é nosso.

⁹ Essas questões suscitaram uma conversação entre Micéala Symington e Laurent Vidal, em 17 de janeiro de 2013, na Universidade de La Rochelle, disponível em <http://www.crhia.fr/contributions.php#bloc>.

historiadores e pesquisadores em ciências sociais: *Seara vermelha*.¹⁰ Para construir um saber sobre o universo social e cultural que coloca em cena, o autor mobiliza suas próprias escalas de análise assim como modelos tipológicos singulares. Se é possível, como nos diz Carlo Ginzburg, “construir verdades sobre *fábulas*, a história verdadeira sobre a história ficcional”¹¹, quais são então as verdades, contidas na fábula, sobre as quais o romance nos informa, a nós historiadores ou pesquisadores em ciências sociais?

Gostaria primeiramente de lembrar o conteúdo do romance e o contexto de sua redação (e o contexto das ciências sociais), antes de iniciar a análise de historiador, sublinhando dois aspectos fortes desse romance: o universo social e mental dos sertanejos, e o lugar entre deslocamento e espera no Nordeste dos anos 1930. Não pretendo esgotar o conteúdo do romance, mas simplesmente destacar alguns temas que iluminam o modo como o autor produz um saber sobre o Brasil rural dos anos 1930.

1 *Seara vermelha* : um convite dirigido aos historiadores

Começamos apresentando a obra e o contexto de sua composição. O livro é datado de junho de 1946, Pegi de Oxossi (a casa de Nova Iguaçu no estado do Rio). Trata-se do décimo segundo romance de Jorge Amado, que um ano antes havia sido eleito deputado comunista, representando o estado de São Paulo na Constituinte.

Note-se que na versão original encontramos três citações em epígrafe, de Castro Alves, Luis Carlos Prestes e Engels; na versão francesa, saída em 1951 pelos Editeurs Français Réunis e traduzida por Violante do Canto (que havia traduzido, entre outras obras, *Os sertões*), Engels desapareceu, do mesmo modo que a dedicatória a Prestes, “o amigo dos camponeses”. Na versão original, a capa é desenhada por Clóvis Graciano. Na edição tcheca de 1950, aparecem ilustrações de Carlos Schiar¹², retomadas na edição francesa de 1951 e incorporadas na 9ª reedição brasileira, de 1965.

O romance coloca em cena uma família de meeiros que se vê expulsa, da noite para o dia, da propriedade onde estava instalada – o autor não o indica com precisão, mas tudo leva a crer que esses meeiros estavam na terra há muito tempo. O proprietário, diferente de seu pai,

¹⁰ Faremos uso da edição de 1990: AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

¹¹ GINZBURG, Carlo. Op. cit., p. 140. (destaque do autor).

¹² Ver o sítio de Carlos Schiar : <http://www.carlosschiar.com/albuns.htm>. Acesso em: 01 ago. 2013, 11h30min.

que vivia na plantação, estava instalado no Rio. Um dia, no momento que parecia ser o fim de um longo período de seca, ele telegrafa ao capataz comunicando a decisão de vender a plantação, mas sem os meeiros...

Começa então um longo, muito longo, caminho, para os meeiros, decididos a chegar a São Paulo, onde parecia que o trabalho era abundante – este será o objeto da primeira parte do livro, “Viagem de espanto”. O autor nos conduz pelos caminhos da família de Jucundina e Jerônimo, da qual três filhos já haviam se separado. Onze personagens estão de partida: Jerônimo e sua mulher, seus filhos mais novos Agostinho e Marta, três netos órfãos (Tonho, Noca e Ernesto), a irmã de Jucundina (Zefa) e o irmão de Jerônimo, João Pedro, com sua família, Dina e Gertrude – eles são acompanhados do jumento Jeremias e de um gato, Maricá. Como tantos outros meeiros, eles ouviram falar que em São Paulo o trabalho é abundante e as terras são distribuídas gratuitamente... Como tantos outros flagelados, eles pegarão a estrada, na caatinga, rumo a Juazeiro, às margens do rio São Francisco. Ali, embarcarão para Petrolina, onde o trem os conduzirá até São Paulo.

Na poeira vermelha da caatinga, eles podem imaginar que tomando os caminhos da fome, não encontrarão outra coisa senão a morte e a desolação. De fato, apenas três dentre eles chegarão a São Paulo. Os outros morrem a caminho, como Noca e Ernesto, ou, tomando outra direção, abandonam a família que se desloca lentamente. Marta, tendo se prostituído em troca do bilhete de trem que permitiria seu pai chegar a São Paulo, permanecerá em Petrolina; Agostinho e sua prima, que decidiram arrendar uma terra encontrada no caminho, e Zefa, que virou seguidora do beato Estevão.

A segunda parte, “As estradas da esperança”, é consagrada ao relato de vida dos três filhos que tinham deixado a família antes dessa partida: João, que entrou para a polícia e que morrera numa investida contra o acampamento do beato Estevão, tendo porém tido tempo de reconhecer seu irmão José, que não era outro senão Zé Trovão, o afamado cangaceiro. O terceiro filho, Juvêncio, ingressara no Exército, participando da Intentona Comunista de Natal em 1935. A obra termina com um epílogo, “A colheita”, que narra em algumas páginas a vida da família em São Paulo, a morte de Jerônimo, e o contato do jovem Tonho com o Partido Comunista.

Esses são, portanto, os temas do romance: a impossível conquista da propriedade da terra, a seca, a fome, o sertão, a caatinga, o cangaço, o milenarismo, o comunismo... E nesse campo as ciências sociais que emergiam no Brasil ainda não tinham se aventurado. Os

trabalhos que a partir desse período se tornariam clássicos, escritos por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, todos publicados nos anos 1930, não trataram dessas questões. Em contrapartida, encontramos romancistas – Rachel de Queiroz (*O Quinze*, sobre a grande seca de 1915 no sertão do Ceará – redigido em 1930) e José Lins do Rego, com *Pedra Bonita*, de 1938, onde se constata o trágico desespero, no qual as únicas saídas possíveis diante da seca são a marginalização no banditismo ou no misticismo. Há também Graciliano Ramos, com *Vidas secas* (1938), narrando a errância de uma família de migrantes do sertão a caminho do litoral. Amado, nós o sabemos, foi fascinado pelo romance de Graciliano Ramos, a tal ponto que, quando o livro foi lançado, ele foi encontrar o seu autor na Paraíba.¹³ Há também um outro romance que exerceu um forte impacto sobre Amado, o romance de Steinbeck, *As vinhas da ira* (1939), que descreve, no contexto dos Estados Unidos, o mesmo caminho de desespero e de morte de uma família de meeiros que rumava para a terra prometida da Califórnia, o que mostra uma espécie de universalidade do problema da posse da terra.

Não esqueçamos que Jorge Amado realizou uma viagem ao rio São Francisco e a Juazeiro em novembro de 1942, ocasião em que pode observar o cortejo incessante de sertanejos. E, segundo Jean Orecchioni e Zélia Gattai, foi seguramente do choque emocional proporcionado por essa viagem que veio a ideia de escrever o romance.

Os pintores também se dedicaram a essa questão: mencionemos Portinari, que traçou o retrato *Os Retirantes* (1944), ou ainda Clovis Graciano, que pintou *Migrantes* em 1940 - seguramente não é por acaso que é ele quem assina a capa de *Seara Vermelha*. À exceção de Lins do Rego, todos são membros ou companheiros de estrada no Partido Comunista. Recordemos que é Rachel de Queiroz quem introduzirá Amado no Partido Comunista.

Seja como for, todos, romancistas ou pintores, atuam num vazio historiográfico e sociológico. Esses flagelados não preocupam ainda historiadores e pesquisadores das ciências sociais: seus modos de vida, seus modos de pensar, falar, conceber sua relação com o mundo, os outros, o desconhecido... Nada disso é objeto de um saber social. O mesmo se dá com as formas de revolta popular do sertão: cangaceirismo ou milenarismo. Nesse domínio, não encontramos senão a reportagem de Euclides da Cunha (*Os sertões*, 1901), mas a posição de Euclides da Cunha é particular, uma vez que ele não tem formação nas ciências sociais, mas

¹³ Sobre a literatura dos anos 1930, ver BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP, 2006.

de uma certa forma improvisa como etnólogo e sociólogo. Esse autor vê no milenarismo uma sobrevivência “anacrônica” do passado, não procurando ligar o messianismo à condição social dos camponeses; mesmo se ele se revolta com o massacre de Canudos, sua leitura positivista da história já havia condenado Canudos como uma manifestação associada a uma forma ultrapassada de relação social.

Amado, de modo alegórico, em torno do destino de cada um dos membros dessa família em deslocamento procurará abarcar o conjunto dos problemas do Nordeste rural dos anos 1930, e o conjunto das soluções encontradas pelos camponeses para tentar escapar a seu destino. Há uma dimensão pedagógica nesse romance que ambiciona uma história total. Se ele dialoga claramente com os romancistas e os pintores citados (pode-se estabelecer um paralelo entre a cadela Baleia de *Vidas secas* e o gato Maricá; ou ainda entre a tela de Portinari e a morte de Noca) e se ele busca apoio em posições políticas adotadas pelo Partido Comunista para explicar a exploração dos camponeses sem terra, por outro lado ele se apoia também sobre o vazio das explicações sociológicas. E é esse vazio que me interessa aqui.

Esse romance se junta às produções anteriores dos escritores e pintores, repercutindo sobre eles e lhes dando uma publicidade que eles não tinham tido até então (lembremos que até *Gabriela*, esse era o romance mais traduzido de Amado, e que na época Amado era o romancista mais popular do Brasil). As ciências sociais dos anos 1950 puderam apoiar-se nesta literatura e iconografia para descrever de modo mais próximo do real a vida desses camponeses sem terra, suas migrações, suas esperas. É disso que eu gostaria de tratar, abordando temas como os camponeses sem terra, o universo social do sertão, a relação com o tempo e a mudança, a relação com a cidade, as esperas... Deixarei de lado as partes em que o autor evoca as soluções que se apresentavam para romper com essa situação: cangaceirismo, milenarismo, comunismo. É o mergulho no universo social e mental dos camponeses sem terra que me importa aqui.

Antes de prosseguirmos, é necessário um esclarecimento: a abordagem de Jorge Amado se dá a partir de baixo, ao nível do chão. Se for de fato uma história total que ele almeja, é, contudo, a partir de um caso de estudo que ele pretende proceder, mobilizando escalas de análise progressivas – do nível micro ao nível macro. Se quisermos estabelecer uma comparação, podemos considerar que ele se orienta por um método tipológico – um pouco à maneira de Balzac na sua comédia humana. Desse ponto de vista, seu método

corresponde a operações cognitivas (tipologia, descrição, generalização, narração...) que podem ser relacionadas com as modalidades de construção do saber nas ciências sociais.

2 O universo social e mental dos camponeses sem terra

A partir da família de Jerônino e Jacundina podemos avaliar o quanto a família é a base do edifício social do mundo camponês – isso pode ser uma evidência hoje, mas todo o trabalho de construção de um saber social repousa sobre a explicitação dessas estruturas. Família ampliada, três gerações vivendo sob o mesmo teto; família patriarcal colocada sob a tutela do mais velho, Jerônimo. É no momento em que a família se desloca que Jacundina, a mãe de família, avalia o quanto era feliz antes. A partida súbita dos três filhos, à procura de alternativas, mostra esse enquistamento da família num modelo social imutável.

Na grande propriedade os meeiros estão presos a um contrato que lhes obriga a ceder ao patrão um dia de trabalho e a metade da colheita. Todavia, “existiam leis na fazenda que não estavam escritas, mas que todos respeitavam religiosamente, e uma delas era a que obrigava colonos e trabalhadores a comprar ali tudo o de que necessitassem”¹⁴, e nessas vendas os preços eram bem mais elevados do que na cidade. Contudo, como escreve Amado, tratava-se de uma grande propriedade “separada do resto do mundo como se em torno dela se elevassem muralhas”¹⁵. Isolamento e autarquia: os homens acorrentados, sem descanso, a uma terra que não lhes pertence e nunca lhes pertencerá, e que entretanto nutrem com a natureza rude uma relação sensível. Jorge Amado fornece elementos preciosos sobre a cultura material, o ritmo do trabalho, a divisão das tarefas... É a imagem de uma sociedade imutável que se desprende dessas páginas, nas quais as relações sociais são marcadas pelo temor do capataz e cumplicidade dos compadres.

Na plantação, por ocasião da festa de casamento da filha de um dos meeiros, mas também na caatinga, ao longo dos caminhos que levam a São Paulo, o autor nos introduz no universo mental e na sensibilidade deles.

Um duplo tratamento literário lhe permite atravessar a casca rude dos camponeses. Se os diálogos são muito pobres, marcados por frases curtas e silêncios que testemunham a

¹⁴ AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990, p. 32.

¹⁵ *Ibid.*, p. 48.

dificuldade de exprimir suas emoções, de entrar em contato com os outros (“eram todos eles de poucas palavras, de curto vocabulário, e não sabiam se expressar bem, as palavras não revelavam quase nunca a verdadeira extensão dos seus sentimentos”¹⁶), os monólogos interiores, em contrapartida, são marcados por um tratamento poético de grande riqueza, testemunhando a complexa relação desses homens com o mundo, a natureza, o tempo...

Jucundina pensa nos filhos que se foram:

E, apesar de que haviam partido em datas diversas, cada um por sua vez, cada um por um caminho, cada um para um destino, imaginava – eram poucos e pequenos Quadros, formados no correr do tempo, que se sucediam inalteráveis na sua imaginação – que regressariam juntos atravessariam a cancella e juntos lhe pediram a benção.¹⁷

O ritmo ternário está presente de modo recorrente quando ocorrem os diálogos interiores, como no exemplo de Zefa, quando ela evoca as “regiões celestes onde não havia nem fome, nem doenças, nem lágrimas”. Esse tratamento poético nos introduz no universo sensível desses camponeses, essa camada que forma a base profunda da cultura sertaneja.

A compreensão da relação que mantêm entre si é uma primeira maneira de tratar o universo mental dos sertanejos: isso aparece a partir de dois exemplos, que testemunham, sobretudo, a dificuldade de dizer os sentimentos, as emoções. É inicialmente a questão da solidariedade entre famílias que é abordada: na primeira noite que passa na caatinga, a família de Jerônimo reencontra outra família que fixara ali seu acampamento, e o silêncio e a suspeita se instalam. “É que faz muito tempo que a gente tá viajando. Nós vem do Ceará e já acabou tudo que a gente trouxe”¹⁸. Então Jucundina lhes serve café e um pequeno pedaço de carne, “Pequeno mas que foi recebido num silêncio que valia mais que qualquer ruidosa manifestação de Alegria”¹⁹. Mas Jerônimo e sua mulher tomam a decisão de partir de madrugada, bem antes da outra família, que não possuía mais nada: “Não é que Jucundina não tivesse pena. Tinha pena e na véspera dera-lhes até um pedaço de carne se bem soubesse que ia lhe fazer falta [...]. O que não podia era tirar da boca dos filhos e netos para dar a estrangeiros”²⁰. Eles experimentam o mesmo sentimento de desconforto em Juazeiro: quando uma família de flagelados procura a companhia de navegação e implora que façam por menos

¹⁶ Ibid., p.114.

¹⁷ Ibid., p. 115.

¹⁸ Ibid., p. 79-80.

¹⁹ Ibid., p.80.

²⁰ Ibid., p.82.

o preço da passagem, porque lhe faltam alguns poucos mil-réis para completar o valor, as outras famílias assistem à cena sem dizer nada: “Não que faltasse solidariedade. Mas é que tinham medo de que o velho lhes pedisse e eles tinham o dinheiro contado”²¹. Em seguida, mesmo de passagem, o tema do amor permite evocar essa dificuldade de exprimir o sentimento. Marta descobre o amor em Juazeiro, na figura de Vicente: “nenhuma palavra de amor, nenhum galanteio, só o calor dos ombros se encontrando, a mão calosa sobre a outra mão”²², algo que contrasta com os sorrisos, os passeios e as declarações de amor dos jovens namorados na cidade.

Além da relação com os outros, a relação com o mundo também é longamente explorada, sobretudo a relação sentimental com a terra: uma terra onde se nasce, cresce, morre, sofre, mas com a qual se pode contar para sobreviver, quando a seca não a martiriza demais... Essa relação sentimental com a terra engendra uma relação particular com o tempo – base da vida social. Amado insiste repetidamente sobre a relação com o crepúsculo. O ciclo repetitivo dos dias e das noites criam tempos (como o crepúsculo), onde a espera toma uma forma mais intensa. Para Jacundina, “com certeza seria naquela hora solene do fim do dia, quando as sombras começavam a cair criando um clima de mistério, quando as velas se acendiam, os ruídos se modificavam, e a cor do mundo era outra, que o milagre sucederia”. Será por acaso que a irmã de Jacundina, Zefa, experimenta sempre, na hora do crepúsculo, visões perturbadoras? “Soturna em frente aos seus santos que uma lamparina iluminava [...] via coisas terríveis, enxergava desgraças indescritíveis”²³. Momento essencial, livre das restrições limitadoras do trabalho, que permite dar livre curso aos pensamentos...

Nesses interstícios crepusculares, e noutros entre-dois, Amado descreve uma sociedade “na ânsia de acontecimentos que não sucederam”²⁴, mas que, se tivessem se sucedido, poderiam conturbar o mundo.²⁵ Eis o porquê das esperas e dos rumores que se

²¹ Ibid., p.132.

²² Ibid., p.152.

²³ Ibid., p. 38.

²⁴ Ibid., p.45.

²⁵ Claude Lévi-Strauss descreveu perfeitamente em *Tristes trópicos* o lugar singular do crepúsculo na vida das sociedades tradicionais: “Para os cientistas, a aurora e o crepúsculo são um só fenômeno.[...]. Porém, na realidade, nada é mais diferente do que a tarde e a manhã. O nascer do dia é um prelúdio [...]. Quanto ao por-do-sol é outra coisa; trata-se de uma representação completa, com um início, um meio e um fim. E esse espetáculo oferece uma espécie de imagem reduzida dos combates, das vitórias e das derrotas que se sucederam durante doze horas de modo palpável, mas também mais lento. A aurora é apenas o início do dia; o crepúsculo é sua repetição.

Eis porque os homens prestam mais atenção no sol poente do que no sol nascente [...] um por do sol eleva-os, reúne em misteriosas configurações as peripécias do vento, do frio, do calor ou da chuva nas quais seu ser físico

propagam entre a população, ávida de mudança : “Desde menina Jucundina ouve falar no fim do mundo”²⁶ ; “E como acabaria, com fogo ou com água ? Ali, perto do rio imenso, Jucundina pensa que será a água que se alastrará sobre a superfície da terra”²⁷. A essa espera escatológica do fim do mundo ou de sua redenção, se soma a espera de uma felicidade possível sobre a terra – espera que os agentes recrutadores de trabalhadores para a lavoura de São Paulo sabem manipular para atrair a mão de obra desejada: “Diz que um chega, logo dão terra pra ele cultivar... É lavoura de café... Dão muda já crescida, diz que dão de um tudo... Ferramenta e animais...”²⁸; “Se tinham sofrido tanto, penado pelas picadas da caatinga, bem mereciam a fartura e o sossego que estavam a esperá-los em São Paulo”²⁹.

Esse *sonho das coisas humanas*, do qual falava o poeta Hölderlin, coisas cujos contornos não podem ser definidos, mas que, não obstante, estão presentes, está no cerne da mentalidade sertaneja.

3 Homens em deslocamento, homens em espera

Sendo assim, é de se estranhar que, apesar das aparências de uma sociedade imóvel, esse universo seja também marcado por uma mobilidade incessante? E o que induz esses deslocamentos é ao mesmo tempo a miséria, a seca, a impossibilidade de ter sua própria terra, mas igualmente esse sonho de uma coisa, que aqui assume a forma de uma cidade-luz: São Paulo.

Eis como Jorge Amado esboça o retrato desses homens em deslocamento:

Impossível de varar, sem estradas, sem caminho, sem picadas, sem comida e sem água, sem sombra e sem regatos. A caatinga nordestina. E através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viaja uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho e nas fazendas que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações. Vêm de todas as partes do nordeste na viagem de espantos, cortam a caatinga abrindo passo pelos

se debateu. Os caprichos da consciência podem também ser lidos nessas constelações algodoadas”. Tradução conforme edição brasileira: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Trad. Rosa Freire d’Aguar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 60-61.

²⁶ AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. Op. cit., p.147.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid., p. 142.

²⁹ Ibid.

espinhos, vencendo as cobras traiçoeiras, vencendo a sede e a fome, os pés calçados nas alpargatas de couro, as mãos rasgadas, os rostos feridos, os corações em desespero. São milhares e milhares se sucedendo sem parar. É uma viagem que há muito começou e ninguém sabe quando vai terminar porque todos os anos os colonos que perderam a terra, os trabalhadores explorados, as vítimas da seca e dos coronéis, juntam seus trapos, seus filhos e suas últimas forças, e iniciam a jornada. E enquanto eles descem em busca de Juazeiro ou de Montes Claros, sobem os que voltam, desiludidos, de São Paulo, e é difícil, se não impossível, descobrir qual a maior miséria, se a dos que partem ou a dos que voltam. [...] Ouvem-se, nessas cidades que bordejam a caatinga, as mais incríveis histórias, sabe-se das desgraças mais tremendas, aquelas que nenhum romance poderia conter sem parecer absurdo. É a viagem que jamais termina, recomeçada sempre por homens que se assemelham aos que os precederam como a água de um copo à água de outro copo. São os mesmos rostos de indefinida cor, os pés gigantesco, de dedos abertos, sobrando das alpargatas, o cabelo ralo, o corpo magro e resistente. As mesmas mulheres sem beleza nas faces cansadas. Enchendo o deserto da caatinga, e também eles, por vezes, liquidam no tiro das suas repetições os sertanejos que descem e que sobem na contínua migração.³⁰

Amado joga frequentemente com oposições: mobilidades incessantes num espaço impenetrável; homens que partem cruzando com homens que retornam; o deslocamento e a espera. Essa figura de retórica lhe permite mostrar que por trás da aparente diferença entre as situações, uma mesma condição as aproxima: “Só os imigrantes são os mesmos, os nomes podem mudar, mas são idênticos rostos, a mesma fome, o mesmo fatalismo, a mesma decisão no caminhar”³¹. Com essas repetições incessantes, que funcionam como uma melopeia, Amado insere esses deslocamentos numa cronologia imemorial, as mobilidades humanas denunciando a imobilidade das estruturas sociais.

E esses deslocamentos criam os tempos e os lugares de espera. No romance, três lugares de espera são evocados: o campo de migrantes de Juazeiro, o convés do navio e Pirapora. Cada um deles contém sua parte de drama – e de mudança. A espera modifica a relação com os outros, com a natureza e com a família, e modifica, sem que se perceba, as estruturas dessa sociedade.

Em Juazeiro, que Amado visitou em 1942, e que descreve em detalhes, três polos participam da conformação dessa geografia nova das famílias em espera. É, com efeito, em Juazeiro que elas tomarão um barco para subir o São Francisco até Pirapora, onde o trem

³⁰ Ibid., p. 62-63.

³¹ Ibid., p.63-64.

ganhará São Paulo. Esses três polos são: o campo de migrantes, o rio e Petrolina, a cidade situada do outro lado.

O campo de migrantes é ao mesmo tempo um lugar de repouso e um lugar de reformulação do desejo de São Paulo. Amado fornece uma indicação do número – talvez 300 pessoas – na opinião de Jerônimo... Juazeiro e seu campo simbolizam, num primeiro momento, aos olhos dos migrantes, o fim dos caminhos da fome e do sofrimento, o começo da ressurreição, representada por essa água em abundância, que dava outro significado aos mortos: “essas mortes não conservavam aquele ar de agouro, de mais um antes do outro. Para eles os que morriam eram ainda vítimas da caatinga”³²; “Como que o rio, com suas águas rumorosas, cor de barro, punha uma fronteira entre o passado e o presente”³³.

O tempo passado no campo reforça o projeto de migrar:

afastavam para longe, como imprecisas e falsas, as afirmações dos que voltavam. Também nem todo mundo pode se dar bem e ser feliz, prosperar e enriquecer. Alguns não de ser pobres a vida toda. Esse era o raciocínio das mulheres mas cada uma se colocava entre os prováveis ricos e felizes. Era assim que esperavam o navio em Juazeiro.³⁴

“No acampamento não havia melhor motivo para as prosas do que fazer projetos sobre São Paulo [...] estabeleciam-se relações à base de troca de imprecisas informações sobre São Paulo”³⁵. É também a aprendizagem de um novo tempo, simbolizado pela eletricidade, que não permite mais quase desfrutar do crepúsculo: na cidade “não existia àquela hora misteriosa quando tudo parece se aquietar por um momento, quando se sente que mais um dia termina”³⁶.

O rio é um objeto de fascínio para esses migrantes em espera; é também o lugar de confrontação com o novo. Essa água em abundância e a perder de vista os introduz num universo mágico de que apenas as imagens bíblicas do leite e do mel podem dar uma ideia³⁷. Se, por um lado, os migrantes gostam de passear ao longo do rio, eles experimentam um constrangimento: “Desconfiados e amedrontados, os imigrantes não faziam relações na

³² Ibid., p.143.

³³ Ibid., p.142.

³⁴ Ibid., p.143.

³⁵ Ibid., p.141-142.

³⁶ Ibid., p.290.

³⁷ Ibid., p.137.

cidade”³⁸; eles se sentem igualmente pouco à vontade nos seus corpos quando os cidadãos fazem o footing ou diante dos marinheiros que cantam de torsos nus...

Petrolina, a cidade do outro lado do rio, é a cidade-luz que atrai e inquieta. Alguns não hesitam em apanhar um barco para visitá-la... Para os migrantes, é uma miragem, uma espécie de São Paulo em miniatura.

Esse tempo de espera em Juazeiro é, assim, marcado por um choque psicológico: a aprendizagem do universo urbano e de seu universo social e mental particular, com uma nova temporalidade, com uma efêmera liberdade para os mais jovens, como Marta, que no curso do êxodo, “fora se transformando na pessoa que mais trabalhava e resolvia na família”³⁹, a qual, conservando a calma e aguentando todos os golpes, em Juazeiro parece encontrar a felicidade num jovem mulato, Vicente. Todavia, a partida da família coloca um fim nesse amor nascente. Assim, profundamente modificadas, as famílias embarcam.

No convés, outro drama se desenrola: quando enfim seu martírio parecia chegar ao fim, quando os migrantes dispõem de água e alimento em abundância, eis que se instala a disenteria, levando o pequeno Ernesto, que é atirado rapidamente no rio. “Quando a hora da comida se aproximava trava-se um drama dentro de cada imigrante: a fome, o desejo de comer o peixe gostoso, e o medo da disenteria”⁴⁰. Na beira do rio, em Pirapora, uma nova provação os espera: aqui, nada de campo, mas pensões baratas para migrantes, e, sobretudo a necessidade de obtenção de salvo-conduto para São Paulo, o centro de migração, com os exames médicos obrigatórios para os que desejam partir. Amado descreve uma cidade povoada de miseráveis que não obtiveram salvo-conduto, mendigando para sobreviver: “Eram as sobras dos imigrantes, os que não tinham podido seguir para São Paulo nem voltar para o sertão. Ficavam por ali”⁴¹. Marta, tendo o médico diagnosticado uma tuberculose em seu pai, e sabendo que sua família, para poder chegar a São Paulo, não tinha alternativa, decide ceder ao assédio do doutor Epaminondas, do centro de emigração: “Resolveu então, quase friamente, entregar-se contra a autorização para o pai viajar e os passes para todos. Exceto ela, naturalmente”⁴². Ao tomar conhecimento da razão que a levava àquilo, sua mãe “tomou a mão da filha, puxou-a para o seu lado, fez uma coisa que há anos não fazia: beijou-a na testa”⁴³. O

³⁸ Ibid., p.138.

³⁹ Ibid., p.209.

⁴⁰ Ibid., p.167.

⁴¹ Ibid., p.209-210.

⁴² Ibid., p.218.

⁴³ Ibid., p.220.

pai, ao contrário, a repudia, enquanto “os imigrantes espiavam sem palavras”⁴⁴. Mas será o seu nome que o pai pronunciará na hora da morte.

Amado assinala aqui uma mudança dupla: o destino de Marta é a rua, a prostituição, e, sobretudo a impossibilidade de reencontrar Vicente; em contrapartida, sua mãe parece se expandir, manifestando os sentimentos (um beijo na testa).

*

A espera que pontua o longo e lento deslocamento dessas famílias não somente marca o território – com os campos e outros centros de emigração, navios de transporte de imigrantes – mas também afeta as mentalidades e a estrutura familiar que se dissipa. Jorge Amado revela toda sua arte nessa habilidade de introduzir a mudança, lenta, mas profunda, uma mudança que não é controlada ou orientada por nenhuma ideologia. É precisamente o que Albert Camus assinalou, depois da leitura da tradução francesa de *Jubiabá*:

não é de ideologia que se fala num romance onde toda a importância é depositada na vida, ou seja, num conjunto de gestos e de gritos, numa certa disposição dos ardores e dos desejos, num equilíbrio entre o sim e o não e num movimento apaixonado que não é acompanhado de nenhum comentário. Aqui não se discute o amor. Basta amar, e com toda a carne. [...] E todo o livro é escrito como uma sequência de gritos e de melopeias, de avanços e retornos. Nada aqui é indiferente. Tudo é emocionante.⁴⁵

Nesse romance, que representa mais do que uma fonte para o historiador, uma vez que tem servido para preencher as lacunas deixadas pela escrita histórica do começo dos anos 1940, se projetam inúmeros fios. Historiadores e pesquisadores em ciências sociais poderão pouco a pouco apoderar-se deles para construir um saber social sobre o sertão e o mundo rural brasileiro dos anos 1930.

Sobre o mundo dos meeiros, pensemos na obra de Antonio Candido (*Os parceiros do rio Bonito*⁴⁶), cuja pesquisa começa em 1947, conduzindo o jovem sociólogo a desenvolver o trabalho etnográfico sobre o universo social dos parceiros de uma região do interior de São Paulo, e o modo como a mudança é percebida e vivida. Um método influenciado pela antropologia norte-americana (Robert Redfield e Charles Wagley), mas também fortemente

⁴⁴ Ibid., p.222.

⁴⁵ CAMUS, Albert. Resenha de Bahia de tous les saints. *Alger Républicain*, 9 abr. 1939.

⁴⁶ CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 2003 [1964].

impregnado do universo literário brasileiro. Mesmo se o universo caipira e o universo sertanejo apresentam diferenças entre si, as relações que neles se travam com a terra e com a cidade continuam passíveis de comparação sob inúmeros aspectos.

Sobre essa questão da fome, Josué de Castro publica em 1946 uma *Geografia da fome*, antes de propor uma ampliação, em 1951, com a *Geopolítica da fome*. Há pouca possibilidade de que Amado possa ter tido conhecido de seus trabalhos anteriores, que interessaram a um público reduzido⁴⁷, e desse modo tenha podido se beneficiar dessas leituras para descrever a fome que tortura os corpos, fragiliza os organismos e modifica as relações sociais – uma vez que essa situação é fértil para que a suspeita se instale e se generalize.

Sobre o milenarismo e os cangaceiros, mencionemos os trabalhos de Maria Isaura Pereira de Queiroz⁴⁸, que se inscrevem na continuidade da obra do sociólogo francês Roger Bastide, mas também de Henri Desroches (*Dieux d'hommes*⁴⁹).

Quanto a mim, extraio desse romance, com o qual iniciei meu trabalho de historiador do Brasil⁵⁰, duas ideias que marcaram minha abordagem e minha leitura da sociedade brasileira. De um lado, a espera, mas, sobretudo a ligação entre “deslocamento e espera”: se os deslocamentos são elementos estruturantes da sociedade brasileira, a espera e os lugares de espera que eles produzem também o são⁵¹. Amado insiste sobre o lugar da espera (milenarista, escatológica), na sociedade tradicional, mas evoca também os lugares e os tempos desses retirantes, em que o universo dos homens em deslocamento é modificado e reconfigurado. Eu tratei dessa questão da espera de diferentes formas, evocando os tempos e lugares de espera em *Mazagão, la ville qui traversa l'Atlantique*⁵², como também a espera de um acontecimento, com *Les larmes de Rio*⁵³. Por outro lado, o papel do desejo da cidade (*Em Seara Vermelha* encarnado por São Paulo) nas mobilidades humanas, um desejo como fonte

⁴⁷ CASTRO, Josué de. *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Liv. do Globo, 1937.

⁴⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *A Guerra Santa no Brasil: o Movimento Messiânico no Contestado*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, 1957; Id. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965; Id. *Os cangaceiros: les bandits d'honneur brésiliens*. Paris: Ed Julliard, 1968.

⁴⁹ DESROCHE, Henri. *Dieux d'hommes: dictionnaire des messianismes et millénarismes, du 1^{er} siècle à nos jours*. Paris: Berg International, 2010 [1969].

⁵⁰ VIDAL, Laurent. *Les chemins de faim de Jorge Amado: le nordeste brésilien autour des années 1930. Analyses et perspectives*. Mémoire de Maîtrise en histoire, sous la direction de Guy Martinière. Université de Grenoble, 1989, 149p.

⁵¹ Id. *O deslocamento e a espera: outras Raízes do Brasil*. Conferência de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 5 jun. 2013.

⁵² Id. *Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico*. São Paulo: Martins Editora, 2009 [2005].

⁵³ Id. *As lágrimas do Rio: o último dia de uma capital*, Rio de Janeiro (20 de abril de 1960). São Paulo: Martins Editora, 2012 [2009].

de sonhos de abundância e mudança: esse foi meu trabalho sobre os projetos de transferência da capital brasileira⁵⁴, ou ainda, mais recentemente, sobre a mobilidade das capitais nas Américas.⁵⁵

Longe de pretender apreender os aspectos centrais dessa obra, como a leitura das formas de luta popular (milénarismo, cangaceirismo e comunismo), são os aspectos secundários que atraíram minha atenção, e que contribuíram com uma leitura realizada a partir das margens da sociedade brasileira e de sua história. Sob esse ponto de vista, o acaso que me fez descobrir *Seara vermelha* em 1988, me reservou alguma coisa daquilo que André Breton chama de “coincidência petrificante”. Foi então para reconhecer minha dívida e para explicitar uma das mais fortes filiações intelectuais de meus trabalhos sobre o Brasil, que tomei esse livro como estudo de caso.

⁵⁴ Id. *De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital*. Brasília: Ed. UnB, 2008 [2002].

⁵⁵ Id. *Capitais sonhadas, capitais abandonadas: uma outra história americana*. *História*, Franca, SP, v.30, n.1, p.3-36, jan./jun. 2011.